

A mulher paratleta e a cobertura jornalística dos Jogos Paralímpicos  
Rio 2016: uma leitura das páginas de *O Estado de S. Paulo*

The female parathlete and the journalistic coverage of the Rio 2016  
Paralympic Games: a reading of the pages of *O Estado de S. Paulo*

**Neide Maria Carlos**

Universidade Estadual Paulista, Bauru/SP, Brasil  
Doutorado em Comunicação, Unesp  
neidejornal@gmail.com

**José Carlos Marques**

Universidade Estadual Paulista, Bauru/SP, Brasil  
Doutor em Ciências da Comunicação, USP

**RESUMO:** Este trabalho oferece uma análise discursiva sobre como foi representada a mulher paratleta nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, ocorridos entre os dias 7 e 18 de setembro de 2016. Para tanto, elegemos como objeto de análise o jornal impresso *O Estado de S. Paulo* – um dos mais tradicionais e longevos do país, fundado em 1875. Confrontamos os conceitos sobre fotografia, corpo, gênero e discurso jornalístico a fim de perceber como se revela a falta de representação feminina na cobertura esportiva. A Análise do Discurso de linha francesa oferece-nos um modelo teórico-metodológico para a compreensão dos discursos presentes nos enunciados das páginas dos jornais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paralimpíadas; Fotografia; Jornalismo esportivo; Mulher; Gênero.

**ABSTRACT:** This paper offers a discursive analysis of how female para-athletes were represented at the Rio de Janeiro Paralympic Games, held from September 7 to 18, 2016 in Brazil. To this end, we chose the print newspaper *O Estado de S. Paulo* – one of the most traditional and long-running in Brazil, founded in 1875 – as our object of analysis. We compare concepts of photography, body, gender, and journalistic discourse to understand how the lack of female representation in sports coverage is revealed. French-style discourse analysis offers a methodological and theoretical model for understanding the discourses present in the statements on the newspapers' pages.

**KEYWORDS:** Paralympics; Photography; Sports journalism; Woman; Gender.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar os discursos construídos pela imprensa a respeito da mulher paratleta durante os Jogos Paralímpicos Rio-2016, ocorridos entre os dias 7 e 18 de setembro de 2016 na cidade do Rio de Janeiro no Brasil. A partir da análise das imagens, pretende-se investigar qual olhar foi lançado por um jornal impresso brasileiro, *O Estado de S. Paulo*, a respeito das mulheres paratletas. Para tanto, recorreremos a conceitos sobre fotografia, corpo, gênero e discurso jornalístico. A Análise do Discurso de linha francesa nos auxilia como aporte teórico-metodológico para desvelar os discursos presentes nos enunciados do jornal. Ao mesmo tempo, utilizaremos os estudos interseccionais a fim de identificar formas de exclusão e opressão que ainda recaem sobre a mulher atleta com deficiência.

Segundo dados do Comitê Paralímpico Internacional, 159 países participaram dos Jogos Paralímpicos Rio 2016. Competiram 4.328 atletas, 2.657 homens e 1.671 mulheres. Ou seja, menos da metade, 38,6% do total, eram mulheres em 2016. Este artigo pretende discutir a questão da visibilidade das mulheres no espaço do paradesporto e quais olhares foram lançados pela comunicação social sobre a questão da mulher com deficiência e sua participação no esporte adaptado de alto rendimento. Buscamos, por fim, desvendar como se revela a percepção da falta de representação feminina no esporte.

A partir de fotografias da imprensa, presentes nas páginas do jornal paulistano *O Estado de S. Paulo* (também conhecido popularmente como “*Estadão*”), analisamos os significados envolvidos no discurso imagético na construção de sentidos sobre a problemática de gênero nas representações sobre a mulher no esporte e a questão do corpo feminino com deficiência. Como comunicar através das imagens de corpos com deficiência e o que se diz a respeito dos corpos femininos? Além desses questionamentos, pensamos a hipótese de que haja uma sub-representação das mulheres no espaço do esporte como um reflexo da falta de representatividade feminina em outros espaços da sociedade.

No recorte proposto para este trabalho, a escolha por um jornal impresso brasileiro de grande circulação nos ajuda a discutir o impacto da informação na construção de um imaginário coletivo nacional. Optamos ainda pela edição dos Jogos

Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016 para perceber como um jornal brasileiro realizou a mediação desse evento para o público do próprio país que sediou a competição. Já a definição do *Estadão* como objeto de análise justifica-se pela relevância do periódico (fundado em 1875) e pelo fato de ele permanecer há décadas como um dos que tem a maior tiragem no Brasil (dados do Instituto Verificador de Comunicação de julho de 2023 mostram que, naquela altura, era o jornal brasileiro com maior circulação impressa <sup>1</sup>).

Uma questão que nos instiga a realizar esta pesquisa é de que forma os discursos midiáticos reafirmam as desigualdades que podem oprimir as mulheres nos espaços sociais. Como a imprensa projeta a imagem da mulher atleta com deficiência? Qual espaço midiático é dado aos feitos das mulheres que competem no esporte paralímpico? De que maneira foram descritas as atletas femininas que competiram nos Jogos do Rio, considerando que são atletas de alto rendimento? Nossa opção pela cobertura de um jornal tradicional brasileiro justifica-se também pela curiosidade acadêmica em perceber como foi feita a cobertura midiática de um evento realizado no próprio país, diante das altas expectativas suscitadas à época pela opinião pública em torno do desempenho da delegação brasileira. No paradesporto olímpico, cabe referir que o Brasil é uma das maiores potências na conquista de medalhas, tendo ficado em 7º lugar nos Jogos de Londres-2012 e em 9º lugar nos Jogos de Pequim-2008 – as duas competições anteriores aos Jogos de 2016.

## A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NOS JOGOS PARALÍMPICOS

Em três edições dos Jogos Paralímpicos, a audiência teve um crescimento significativo com a cobertura dos diversos meios. Em termos de cobertura midiática, segundo a pesquisadora Tatiane Hilgemberg,<sup>2</sup> os Jogos de Londres (2012) bateram recorde de audiência, o que se repetiria na edição seguinte. Hilgemberg<sup>3</sup> nos apresenta os seguintes dados: em Atenas 2004 foram 617 horas de programação transmitidas a 25 países; em Pequim 2008, houve um aumento de 200% em relação aos números

---

<sup>1</sup> IVC muda cálculo para assinaturas. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 24 ago. 2023. Disponível em: <https://abrir.link/RKUPB>. Acesso em: 11 fev. 2024.

<sup>2</sup> HILGEMBERG. Jogos Paralímpicos: história, mídia e estudos críticos de deficiência.

<sup>3</sup> HILGEMBERG. Jogos Paralímpicos: história, mídia e estudos críticos de deficiência, p. 10.

da edição anterior quanto ao tempo de cobertura; na edição de Londres 2012, foi batido o recorde anterior com 100 países transmitindo os jogos. Já a edição dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 elevou esse número a 154 países que transmitiram as Paralimpíadas. Consequentemente, em 2016, os jogos do Rio foram considerados pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e pelo Comitê Paralímpico Internacional (ICP, na sigla em inglês) como os mais vistos na história das Paralimpíadas até então, com audiência registrada em 4,1 bilhões de pessoas. A informação a seguir é do próprio CPB:

De acordo com números da empresa Nielsen Sports, publicados para marcar os seis meses do término dos Jogos Paralímpicos, o Rio 2016 contou com um crescimento de 7% de audiência em relação a Londres 2012, quando cerca de 3,8 bilhões de pessoas assistiram à Paralimpíada.<sup>4</sup>

Ao mesmo tempo, em 2016, os Jogos Olímpicos venderam por volta de sete milhões de ingressos, enquanto as Paralimpíadas venderam 2,1 milhões. Este dado expressa a questão mercadológica que influencia a visibilidade dos megaeventos que envolvem jogos adaptados. Assim, também questionamos como os diversos canais midiáticos podem auxiliar na visibilidade das competições e, portanto, no reconhecimento do esporte e dos atletas em seu nível de alto rendimento.

Como destacam Gutierrez et al.,<sup>5</sup> é preciso expandir o potencial mercadológico do esporte paralímpico, o que torna necessário repensar a relação da mídia com o paradesporto. Segundo estes autores, o esporte adaptado guarda valores e símbolos específicos ainda envoltos em desconhecimento do grande público. Quando a imprensa se pauta pelo sentido de superação da pessoa com deficiência, deixa de informar sobre as formas de competição do esporte adaptado e perde-se a possibilidade do público de reconhecer o sentido das Paralimpíadas e os valores que estão em jogo. Isso se reflete na própria identificação do público com o espírito paralímpico.<sup>6</sup>

Neste cenário, o esporte feminino é, mais uma vez, aquele que recebe menor atenção. Perguntamo-nos, assim, quais seriam os fatores de exclusão que pesam

---

<sup>4</sup> Jogos Paralímpicos Rio 2016 quebram recordes de audiência. Site do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), 16 mar. 2017. Disponível em: <https://abrir.link/mclrL>. Acesso em: 25 fev. 2024.

<sup>5</sup> GUTIERREZ ET AL. Mídia e o movimento paralímpico no Brasil, p. 584.

<sup>6</sup> GUTIERREZ ET AL. Mídia e o movimento paralímpico no Brasil, p. 584.

mais uma vez sobre as mulheres. Considerando que estamos lidando com a hipótese de haver mais de um fator discriminatório, como gênero e deficiência, o modelo de articulação teórico que adotamos neste trabalho admite a interseccionalidade como forma para o entrecruzamento de diferentes eixos de opressão. Os estudos interseccionais reconhecem diferentes marcadores sociais (raça, classe, geração, identidade de gênero, sexualidade, etc.) como fatores que podem reforçar estereótipos, principalmente os de gênero.

A discussão proposta pela interseccionalidade responde igualmente a uma demanda da realidade vivida pelas mulheres negras em países onde a escravidão deixou marcas profundas na formação da sociedade. No Brasil, a questão racial perpassa historicamente as relações sociais. Quando a professora estadunidense Kimberlé Williams Crenshaw,<sup>7</sup> representando o feminismo negro, elabora o conceito de interseccionalidade, ela busca afirmar que não é possível separar alguns eixos de opressão que influenciam a realidade das mulheres negras de forma estrutural. Mais adiante adentraremos às discussões propostas por Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge<sup>8</sup> a respeito dos estudos interseccionais.

Também contribuem para a nossa análise conceitos sobre fotografia, corpo, estudos de gênero e discurso jornalístico. A análise de fotografias de imprensa nos coloca diante do desafio de discutir a questão do uso das imagens, considerando o potencial discursivo do documento fotográfico na sociedade contemporânea. Defendemos a ideia de que, na cobertura esportiva, ainda persiste um uso pouco consciente das composições fotográficas enquanto potência comunicativa. Assim, revisar teorias e confrontar as fotografias produzidas pela imprensa auxilia-nos a desvendar o “efeito de realidade” descrito por Patrick Charaudeau<sup>9</sup> como a ideia de que as imagens reportam o que está no mundo, ao mesmo tempo que poderiam revelar algo que está oculto.

Quanto ao nosso modelo analítico, recorreremos a algumas definições propostas pela Análise do Discurso em autores como Patrick Charaudeau,<sup>10</sup> Dominique

<sup>7</sup> CRENSHAW. *On Intersectionality: Essential writings*.

<sup>8</sup> BILGE; COLLINS. *Interseccionalidade*.

<sup>9</sup> CHARAUDEAU. O discurso político, p. 110.

<sup>10</sup> CHARAUDEAU. O discurso político; *Discurso das Mídias*; Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor.

Maingueneau<sup>11</sup> e Jean-Jacques Courtine.<sup>12</sup> Os três contribuem com definições sobre as características dos discursos e da interdiscursividade dos textos e das imagens. A proposta de uma análise discursiva nos leva a uma percepção sobre como circulam formas discriminatórias através do discurso jornalístico e de que maneira elas alimentam estruturas de opressão. Charaudeau, por exemplo, oferece-nos uma definição do que se pode entender como estereótipos:

Estes termos possuem certo número de traços semânticos em comum, já que dizem respeito àquilo que é dito de maneira repetitiva e que, de tal forma, termina por se sedimentar (recorrência e imutabilidade), e descreve uma caracterização julgada simplificadora e generalizante (simplificação).<sup>13</sup>

Dentro dessa definição, os estereótipos funcionariam, inclusive, como promotores de elos sociais pela maneira como são partilhados em determinados grupos sociais, ainda que circulem sob suspeita quanto ao seu valor de “verdade”. Ainda assim, tendem a alimentar estereótipos, clichês, chavões, lugares comuns e preconceitos.

O esporte, como toda atividade humana, carrega em si valores sociais, espelha os dilemas da sociedade e empresta sua visibilidade para questões que geram tensões nas relações em sociedade. Nossos conhecimentos sobre o mundo circulam nos espaços sociais por diferentes canais e meios de comunicação. Também é fato que a imprensa tem papel fundamental nos debates dentro das sociedades democráticas, uma vez que ela também se constitui como uma das instituições autorizadas a mediar a visão que o próprio imaginário social constrói de si mesmo.

Em perspectiva epistemológica, trata-se do relacionamento do ser humano com a realidade que o circunda, que inclui o mundo natural e a sociedade. A ideia de mediação corresponde à percepção de que não temos um conhecimento direto dessa realidade – nosso relacionamento com o “real” é sempre intermediado por um “estar na realidade” em modo situado, por um ponto de vista – que é social, cultural, psicológico. O ser humano vê o mundo pelas lentes de sua inserção histórico-cultural, por seu “momento”.<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> MAINGUENEAU. *Gênese dos discursos*.

<sup>12</sup> COURTINE. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault; Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*.

<sup>13</sup> CHARAUDEAU. *Discurso das Mídias*, p. 572.

<sup>14</sup> BRAGA. *Circuitos versus campos sociais*, p. 32.

É preciso ressaltar que confrontar os meios de comunicação em suas formas de construção de sentido através de seus discursos é um ponto central do esforço do pesquisador. No caso deste trabalho, o debate reivindica não só a delimitação de um *corpus*, primeira decisão metodológica, mas traz a tarefa de construir um referencial teórico que dê conta dos dilemas que envolvem pensar o esporte, a comunicação, o corpo com deficiência e a questão de gênero em aspectos que refletem a participação feminina nos diversos espaços sociais. Os discursos midiáticos, em todas as suas formas, são, ao mesmo tempo, produto de uma demanda social e atores que influenciam consensos e opiniões.

### FOTOGRAFIA E CORPO

O pesquisador português Jorge Pedro Sousa<sup>15</sup> enfatiza a “importância do debate ético e deontológico no campo do fotojornalismo”. Sousa<sup>16</sup> destaca que “é bom não esquecer, como diria Cassirer, que as representações imagísticas que os seres humanos fazem deles mesmos definem antropologicamente a humanidade”. Segundo ele, destacando o exposto por Colson,<sup>17</sup> é necessário discutir a dificuldade em se interpretar a conotação fotográfica, além de se considerar o contexto de circulação das imagens e sua interferência na interpretação do discurso fotográfico. Outro fenômeno relevante do que aponta Colson,<sup>18</sup> segundo Sousa,<sup>19</sup> seria uma tendência do observador de ver suas próprias projeções nas fotografias com as quais se vê confrontado.

Dominique Maingueneau,<sup>20</sup> professor e pesquisador francês responsável por novas abordagens relacionadas à Análise do Discurso de linha francesa, descreve o campo discursivo como sendo “um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo”. Maingueneau ressalta que essa “concorrência” deve ser entendida da maneira mais ampla; inclui tanto o confronto aberto quanto a aliança, a

---

<sup>15</sup> SOUSA. *Fotojornalismo*, p. 135.

<sup>16</sup> SOUSA. *Fotojornalismo*, p. 136.

<sup>17</sup> COLSON. *Images that heal*.

<sup>18</sup> COLSON. *Images that heal*.

<sup>19</sup> SOUSA. *Fotojornalismo*.

<sup>20</sup> MAINGUENEAU. *Gênese dos discursos*, p. 36.

neutralidade aparente etc...”.<sup>21</sup> Esses seriam os modos como se articulam os processos de argumentação no interior dos discursos.

Avançando para o debate a respeito dos discursos das imagens, Jean-Jacques Courtine traz-nos uma aproximação da imagem com o discurso através de um modelo de interdiscursividade das imagens. Destacamos a seguinte formulação de Courtine exposta em entrevista a João Kogawa: “toda imagem é uma relação de imagens, se inscreve em rede com outras imagens, quer se trate de imagens externas ou internas ao sujeito”.<sup>22</sup> A interdiscursividade das imagens, definida como intericonicidade por Courtine,<sup>23</sup> expõe a relação das imagens com aquelas que já foram produzidas e que, portanto, evocam discursos já construídos por outras imagens, direcionadas por um olhar que busca por significados já mencionados por outras fotografias. Há um resgate de discursos anteriores que voltam a ecoar significados já mencionados e que podem reforçar estereótipos, sedimentar ideias sobre o corpo feminino e sua performance no esporte. Para Courtine,<sup>24</sup> as imagens se inscrevem em uma cultura visual impregnada por uma memória das imagens. O fotojornalismo como prática de construção de discursos visuais sobre o esporte recorre a essa memória visual, por exemplo, como meio de se inscrever no gênero do fotojornalismo esportivo. Já para Nilton Milanez,<sup>25</sup> a memória discursiva estaria relacionada a uma existência histórica dos enunciados, produzindo um efeito de memória.

A intericonicidade fundamenta-se sobre a ideia de que sob uma imagem há uma rede estratificada de imagens anteriores que seriam retomadas ou reelaboradas. Nesse sentido, confrontar as imagens da imprensa em suas formas de discurso visual auxilia-nos a revelar sentidos que podem reforçar ou não formas de exclusão. Ao mesmo tempo, é necessário reconhecer a influência da mensagem verbal sobre a mensagem visual. Textos também são usados para “domar” as imagens, ancorando significados, induzindo o leitor a determinados sentidos.

<sup>21</sup> MAINGUENEAU. *Gênese dos discursos*, p. 36.

<sup>22</sup> KOGAWA. Qual via para a análise do discurso? Uma entrevista com Jean-Jacques Courtine, p. 411.

<sup>23</sup> COURTINE. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*.

<sup>24</sup> COURTINE. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*.

<sup>25</sup> MILANEZ. Intericonicidade: da repetição de imagens à repetição dos discursos de imagens.

Ainda segundo Jean-Jacques Courtine,<sup>26</sup> quando nos confrontamos com uma grande quantidade de documentos que queremos investigar, é preciso reconhecer que conceitos como o de interdiscurso são de grande utilidade para compreender os funcionamentos das formações discursivas. Sob a visão interseccional, a ideia de interdiscursividade torna-se muito apropriada para identificarmos como os discursos se constroem para tratar da condição das mulheres paratletas.

Fotografias são recortes que buscam revelar, sob determinado ponto de vista, certa perspectiva de um tema ou de um fato. Portanto, a superfície das imagens sustenta significados que aqui buscamos desvendar. O fotojornalismo se apropria do caráter técnico da fotografia para produzir uma linguagem própria ao gênero fotojornalístico. Para Charaudeau,<sup>27</sup> trata-se “da linguagem enquanto ato de discurso, que aponta para a maneira pela qual se organiza a circulação da fala numa comunidade social ao produzir sentido”.

A sociedade contemporânea mostra-se cada vez mais dependente das imagens e através delas também molda a sua perspectiva a respeito dos fatos do mundo. Com o auxílio das imagens se constrói todo um imaginário social. A própria natureza técnica da linguagem fotográfica cria essa ilusão de real, ainda que seja uma aparência retratada por uma construção sob determinado olhar. Ao mesmo tempo, alguns veículos de imprensa ainda empregam a imagem como ilustração para o texto, o que pode provocar efeitos de desconexão ou contradição entre mensagem visual e mensagem verbal.

Ao analisar uma imagem, buscamos desvendar os elementos composicionais como ângulo, distribuição dos elementos no espaço no fotograma, perspectiva, linhas, formas, moldura, escala entre objetos e personagens. As próprias ações, gestos e expressões dos personagens retratados são elementos essenciais para se atribuir significados ao documento fotográfico. Ainda há outros elementos que devem ser desvendados, como os efeitos, intensidade e o caráter da luz em volumes, contornos, formas e texturas. As cores também são, normalmente, escolhas bastante conscientes do fotógrafo para acrescentar sentidos à composição fotográfica. Há uma escolha

---

<sup>26</sup> COURTINE. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*.

<sup>27</sup> CHARAUDEAU. *O discurso político*, p. 33.

consciente daqueles elementos que deverão ser destacados pelo foco, levando o olhar a ser atraído para determinados elementos dentro da imagem.

A partir dessas escolhas na produção das imagens, a pós-produção, ou seja, a edição das imagens na página de um jornal, seguirá escolhas editoriais de ordem ideológica. Como exemplo, temos: o espaço que vai ser reservado para a imagem; a posição na diagramação como forma de influenciar a leitura; a forma como os elementos verbais vão reforçar ou atribuir sentidos ao enunciado; e o corte que poderá excluir elementos de um fotograma.

### **IMAGENS DE ATLETAS FEMININAS NO ESTADÃO: ALGUMAS REFLEXÕES**

Diversos estudos realizados no Brasil, na Espanha, em Portugal e na França têm colocado em debate o tipo de cobertura que os meios de comunicação põem em prática por ocasião dos Jogos Paralímpicos.<sup>28</sup> Tais estudos são quase unânimes em destacar as impropriedades ou desajustes praticados pelos veículos midiáticos, desacostumados com a prática cotidiana de reconstrução de eventos esportivos nos quais estão presentes pessoas com deficiência.

Por meio da análise das edições do jornal *O Estado de S. Paulo* publicadas durante os Jogos Paralímpicos do Rio, no período de 7 a 18 de setembro de 2016, procuramos verificar qual tipo de enfoque foi priorizado, como foi descrita a participação feminina nos Jogos do Rio e como a imprensa retratou as mulheres paratletas. A partir daí, questionamos quais os discursos que ecoaram através da construção de sentidos na edição das páginas do *Estadão*. Interessa-nos perceber como se deu a construção de uma opinião a respeito das mulheres atletas a partir do uso das imagens e a organização da fala com auxílio do processo de conotação entre texto e imagem. Chegamos assim a um *corpus* de análise de 13 páginas, que apresentaram 13 fotografias de mulheres paratletas. A tabela a seguir traz os números da cobertura do *Estadão* que resultou em nosso *corpus*.

---

<sup>28</sup> HILGEMBERG. Representação midiática do atleta com deficiência na mídia brasileira e portuguesa; NOVAIS; FIGUEIREDO. A visão bipolar do pódio; PAPPOUS et al. La representación mediática del deporte adaptado; PEREIRA et al. A visibilidade da deficiência; PAILLETTE et al. La médiatisation des Jeux Paralympiques à la télévision française.

<b>JORNAL O ESTADO DE S. PAULO: NÚMEROS DA COBERTURA DURANTE OS JOGOS PARALÍMPICOS RIO 2016</b> Treze edições publicadas no período de 7 a 19 de setembro de 2016					
Nº páginas de esporte em geral	Capas que mencionam os Jogos	Matérias sobre os Jogos	Matérias sobre mulheres	Nº de fotos sobre os Jogos	Nº de fotos de mulheres paratletas
55	8	43	6	73	13

Tabela 1. Edições de *O Estado de S. Paulo* na cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio 2016.  
 Fonte: Elaborado pelos autores.

Como se pode ver na Tabela 1, há um razoável número de matérias (43 no total) dedicadas aos Jogos Paralímpicos 2016 e ainda oito oportunidades em que o evento ocupou a capa do jornal. Entretanto, apenas seis matérias (14% do total) foram dedicadas a mulheres. No caso das fotografias, há um total de 73 imagens, mas apenas 13 (17,8%) retratavam mulheres. Vejamos a seguir algumas análises a propósito destas fotografias



Figura 1 - Jornal *O Estado de S. Paulo*, p. A23, Edição de 17 set; 2016.

Iniciamos pelo retrato da atleta brasileira Silvânia Costa. A composição da imagem prioriza o momento de um salto, ou seja, uma ação esportiva. A imagem (Figura 1) do jornal *O Estado de S. Paulo* está presente na edição do dia 17 de setembro de

2016. O autor, o fotógrafo Fabio Motta, congelou um instante do momento em que a atleta aterriza na areia após efetuar o salto em distância. É uma imagem com expressão e ação que remetem ao esforço do corpo da atleta. O foco no primeiro plano destaca os elementos que remetem à ação própria do esporte. O corpo em ação e a expressão da atleta destacam o esforço da busca pelo resultado. A imagem recorre à linguagem técnica da fotografia característica do fotojornalismo esportivo, plano fechado com foco na ação. A própria linguagem do corpo comunica sobre o esporte.

Abaixo, nas Figuras 2 e 3, verificamos a inserção desta imagem no enunciado da página do jornal.



Figuras 2 e 3 - Jornal *O Estado de S. Paulo*, p. A22, Edição de 17 set. 2016.

À direita, a imagem ampliada da matéria que aparece na parte inferior da página (à esq.).

A fotografia do salto de Silvânia aparece na porção inferior da página em que o destaque é dado ao atleta alemão Markus Rehm e à sua performance no salto. A imagem recortada do atleta alemão com corpo inteiro, a sua localização na página, o espaço que ocupa e a própria postura e expressão do atleta conota poder e autoridade. A matéria ressalta a performance do corpo ciborgue do atleta alemão devido ao uso de próteses tecnológicas, o que acaba potencializando o corpo humano de Markus. O título da matéria ("Um salto na história paralímpica") retrata o paratleta

alemão como um “voador do salto”; já a matéria sobre Silvânia Correa recebe o título “Amor à filha levou Silvânia Costa ao esporte”. O texto dá ênfase à questão familiar, à maternidade e à sua ligação com a filha e às dificuldades enfrentadas por questões sociais. É o oposto do que o jornal destaca no topo da página a respeito do atleta alemão, cuja performance no esporte é destacada e descrita com o reforço de elementos gráficos e imagens que ilustram a busca por resultados no esporte.

Este exemplo ilustra de forma aparente a necessidade de se debater a questão dos papéis atribuídos aos homens e mulheres por todo um imaginário social. A mulher é considerada como cuidadora, é vitimizada e descrita a partir de uma história pessoal de vulnerabilidade, ainda que estejamos diante de uma atleta de alto rendimento e que havia acabado de conquistar uma medalha de ouro em sua categoria.

A partir de um olhar interseccional é possível verificar também os marcadores sociais que aparecem narrando essa história de exclusão da atleta. Silvânia é uma mulher negra com deficiência visual, de origem social humilde e que cuidava sozinha de sua filha. Estas condições demarcam o sentido construído pelo jornal, que tece um cenário particular por meio do amor maternal, da fragilidade e dos vínculos familiares para contar a história de uma mulher.

## **O CAPACITISMO E O CORPO FEMININO**

Como um tema recorrente, o corpo feminino por sua vez é objeto de discussões em todos os espaços sociais, incluindo o espaço do esporte e a forma como este tema ecoa pelos canais midiáticos. É recorrente que tais discussões sejam pautadas por diferentes manifestações de preconceito como, por exemplo, o capacitismo e o sexismo. Corpos são constantemente confrontados com padrões hegemônicos de corporeidade e funcionalidade. O capacitismo se manifesta em formas discriminatórias da pessoa com deficiência, como a ideia de limitação desses corpos e a recorrência à uma ideia de superação. Narrativas que focam no histórico da pessoa com a sua condição física.

A pesquisadora Anahi Guedes Mello,<sup>29</sup> em seu estudo *Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC*, atenta para a necessidade de “desconstruir a noção de incapacidade que está intimamente entrelaçada à de deficiência”. Segundo Mello,<sup>30</sup> a postura capacitista está impregnada com a ideia de corponormatividade através do reforço de uma noção de que existem corpos “inferiores, incompletos ou passíveis de reparação/reabilitação”. Cabe ressaltar que seguir explorando, através dos discursos midiáticos, o uso de conceitos que limitam as performances do corpo pode-se incorrer na permanência de “velhos” estereótipos onde não se admite a possibilidade da diversidade de corpos.

Já a pesquisadora mexicana Hortensia Manuela Moreno Esparza, na sua obra *Orden discursivo y tecnologías de género en el boxeo*, repercute a tarefa da investigação dos aspectos sociais implicados no esporte, além do desafio de se debater as questões de gênero. Para ela, “una de las tareas principales de esta investigación es establecer los nexos que conectan la institución deportiva con el orden simbólico, la vida política, la actividad económica y el mundo social, en su dimensión de género”.<sup>31</sup>

O espaço do esporte reflete as relações da sociedade. Destacado este aspecto, podemos analisar as práticas sociais a partir dos discursos construídos no campo da comunicação esportiva em sua implicação na construção de uma ideia sobre a mulher, as capacidades do corpo feminino e o quanto isso impacta na nossa visão sobre os corpos com algum grau de deficiência. Segundo David Le Breton, “as qualidades morais e físicas atribuídas ao homem ou à mulher não são inerentes a atributos corporais, mas são inerentes à significação social que lhes damos e às normas de comportamento implicadas”.<sup>32</sup>

O exemplo a seguir é de uma matéria da edição de 15 de setembro de 2016 do *Estadão* e fala sobre Verônica Hipólito. Este exemplo nos ajuda a debater sobre a construção de uma imagem de fragilização de mulheres que querem ser vistas como atletas de alto rendimento.

<sup>29</sup> MELLO. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade, p. 3273.

<sup>30</sup> MELLO. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade, p. 3271.

<sup>31</sup> ESPARZA. *Orden discursivo y tecnologías de género en el boxeo*, p. 6.

<sup>32</sup> LE BRETON. *A sociologia do corpo*, p. 68.



Figura 4 - Jornal *O Estado de S. Paulo*, p. A22, Edição de 15 set. 2016.

A imagem fotográfica mostra a paratleta Verônica Hipólito que conquistou o bronze nos 400 metros rasos, categoria T38. Hipólito tem um histórico de conquistas de medalhas. Na imagem acima ela aparece com expressão sorridente e gestos de comemoração enquanto mostra a medalha conquistada. O título da matéria destaca em primeiro lugar a condição da atleta: "Tumor na cabeça não impede medalhas de Verônica". Aqui podemos destacar a declaração de Hipólito dada ao jornal:

Não quero ser vista como "coitadinha". Na hora da corrida, não tem muito tempo para pensar em tumor. Só em correr. Aqui, tem histórias incríveis. Se você parar para conversar na pista com qualquer pessoa, ela vai ter uma história para contar. Mas o problema vai ficar com o atleta. A adversária não vai se importar, ela quer ganhar. Na pista, todo mundo corre de igual para igual.<sup>33</sup>

Na verdade, Verônica Hipólito comenta em seu depoimento o sentido do esporte, da competição e do jogo. Roger Caillois,<sup>34</sup> autor de *Os Jogos e os Homens* – obra lançada originalmente em 1957 – propõe quatro categorias para se pensar o jogo: *agon*, *ilinx*, *mimicry* e *alea*. O *agon* envolvendo o sentido da competição, a característica agonística do jogo que envolve o combate regulamentado entre forças diferentes. O *ilinx*, descrito como a busca da vertigem, algo muito relacionado à própria natureza humana. O *mimicry* que envolveria os jogos de imitação e representação, a simulação, por exemplo, a própria representação da vida. E a *alea*, ao contrário do jogo agonístico, envolveria os jogos de azar já que o indivíduo não responde pelo

<sup>33</sup> Tumor na cabeça não impede medalhas de Verônica. *O Estado de S. Paulo*, 2016, p. A 22.

<sup>34</sup> CAILLOIS. *Os Jogos e os Homens*.

resultado do jogo. Para o sentido evocado por este trabalho e pela fala da própria Verônica Hipólito, o *agon* e o *ilinx* representam o sentido do esporte e a busca dos atletas pela vertigem e pela competição. É também o esporte assegurado por uma regulamentação e com a garantia de instituições ligadas ao paradesporto, como o próprio Comitê Paralímpico Internacional (ICP).

O sentido descrito por Caillois como *ilinx* na busca pela vertigem como algo próprio do espírito humano confunde-se com a ideia de superação comumente usada para se referir aos feitos alcançados no esporte. Neste ponto, podemos demarcar uma diferença no discurso da superação quando este diz respeito ao atleta olímpico ou quando usado em referência às conquistas dos atletas do esporte adaptado. Superação é um termo comumente usado nas narrativas que contam sobre o paradesporto.

Expressão recorrente nos discursos dos meios de comunicação (exemplos do jornalismo, da publicidade e programas esportivos), a ideia de superação para o atleta olímpico é utilizada no sentido de extraordinário, daquele que ultrapassa as possibilidades do corpo através de uma alta performance. Já no discurso a respeito dos feitos de atletas paralímpicos, a questão da superação pode incorrer em capacitismo, quando aponta para aquilo que não se imaginava ser feito por um corpo com algum tipo de deficiência. Sentido que aparece na forma como se destaca em primeiro lugar a história de vida e os acontecimentos que levaram a/o atleta a determinada condição em detrimento da sua atuação enquanto atleta de alta performance.

É necessário questionar se o uso da expressão superação não é redutora da potencialidade do indivíduo enquanto atleta de alto rendimento, considerando que a técnica corporal está presente no esporte adaptado como em toda atividade humana que envolve o desenvolvimento das potencialidades do corpo. Patrick Charaudeau<sup>35</sup> destaca o uso da emoção pela instância midiática que estaria “condenada a procurar emocionar seu público, a mobilizar sua afetividade, a fim de desencadear o interesse e a paixão pela informação que lhe é transmitida”. Como consequência, torna-se constante a utilização de estratégias discursivas carregadas de estereótipos como forma de mobilização dos afetos da audiência. Exemplo de recurso discursivo usado para afetar a audiência, as narrativas contadas a partir desse viés de superação.

---

<sup>35</sup> CHARAUDEAU. O discurso político, p. 92.

Muitas formas de preconceitos podem estar inseridas nos discursos midiáticos. Em torno das mulheres, podem-se tecer redes de micropoderes expressos em formas de preconceitos, pela sua condição de mulher, suas características físicas, sua classe social, sua origem étnica, sua faixa etária, sua sexualidade, seu estado civil. As sociólogas Sirma Bilge e Patrícia Hill Collins, na obra *Interseccionalidade*,<sup>36</sup> mencionam o esporte, e o futebol em particular, como lugar onde pode ser utilizada a interseccionalidade como ferramenta de análise.

O uso da interseccionalidade como ferramenta analítica para examinar a Copa do Mundo da Fifa mostra como as relações de poder de raça, gênero, classe, nação e sexualidade organizam esse esporte em particular, assim como os esportes de maneira mais ampla.<sup>37</sup>

As autoras destacam que tais fatores de exclusão (raça, gênero, riqueza, capacidade, origem nacional) são determinantes para oportunidades ou desvantagens no campo do esporte. As diferenças de origens nacionais se somam às diferenças raciais moldando as oportunidades para se chegar ao alto rendimento. O futebol é utilizado como exemplo por ser um esporte praticado por um número incalculável de pessoas mundo afora. Por conta disso, a Copa do Mundo FIFA nos dá uma amostra de como fatores de exclusão e relações de poder são determinantes para se chegar ao êxito no esporte, ganho em termos de resultados e ganhos financeiros com a profissionalização. Isso também se reflete em outros esportes. Mais ainda, o esporte feminino recebe menos visibilidade e o esporte adaptado ainda menos investimentos. Quadro que perpetua uma realidade mercadológica determinante para a relevância das competições paralímpicas junto à audiência.

Nesse sentido, a análise interseccional oferece a possibilidade de debater diferentes formas de exclusão, admitindo que questões como raça, sexualidade, gênero, capacidade física, nacionalidade, etnia, idade, status de cidadania, podem se impor sobre a condição da mulher e comprometer a sua participação em sociedade. Bilge e Collins<sup>38</sup> ainda concluem que “os esportes em geral, e os esportes profissionais em

---

<sup>36</sup> BILGE; COLLINS. *Interseccionalidade*.

<sup>37</sup> BILGE; COLLINS. *Interseccionalidade*, p. 21.

<sup>38</sup> BILGE; COLLINS. *Interseccionalidade*, p. 24.

particular, costumam oferecer mais oportunidades para os homens que para as mulheres”. A seguir, discutiremos um exemplo que compõe o nosso *corpus*.

A edição do *Estadão* de 15 de setembro de 2016 trouxe a fotografia da atleta da canoagem Debora Benevides (Figura 5). O crédito na foto é de Tânia Rêgo da *Agência Brasil* e o texto assinado por Paulo Favero. Debora é chamada pelo “apelido” de Indiazinha, forma coloquial de se referir à sua origem indígena. Expressão que destaca a origem racial da atleta, mas que pode incorrer a estereótipos atribuídos aos povos indígenas.



Figura 5 - Jornal O Estado de S. Paulo - Página A22, Edição de 15 set. 2016.

Na fotografia, Benevides aparece sorrindo e em ação no cenário do esporte que ela pratica. É uma imagem que remete ao sentido de competição, que identifica bem as características da atleta e do esporte. Já o texto destaca a história familiar da atleta, fala sobre o abandono que sofreu pela sua família biológica, conta sobre a má formação que a deixou com certo grau de deficiência nos membros inferiores. Neste caso, o esporte é mais uma vez colocado em segundo plano pelo texto construído a respeito da paratleta da canoagem. Benevides era, naquele momento, uma atleta em início de carreira competindo em uma Paralimpíada, mas foi descrita pela linguagem verbal através de um viés de vulnerabilidade.

Seguindo a reflexão sobre a questão das mulheres com deficiência, podemos pensar em marcadores sociais que criam desigualdades e se materializam em formas discriminatórias através de discursos, uma vez que o corpo feminino é dissecado pela sociedade no sentido de suas capacidades, dos espaços que podem ou não ocupar, da imposição de padrões estéticos e da ideia de vitimização da pessoa com deficiência. Em *Minha história das mulheres*, Michele Perrot afirma que “discursos e imagens cobrem as mulheres como uma vasta e espessa capa”.<sup>39</sup> Perrot questiona como seria possível quebrar estereótipos que envolvem os discursos sobre o feminino.

Fotografias de imprensa desempenham um papel relevante enquanto objeto da comunicação através do qual circulam representações do corpo feminino. Investigar a construção de um imaginário para o qual contribui a imprensa esportiva pode auxiliar a revelar como se refletem as contradições sociais, a origem de processos discriminatórios, a forma de invisibilizar corpos e indivíduos, todos fatores ligados a formas de controle sobre o corpo e o feminino. Nesse sentido, as imagens fotográficas contribuem na construção desses pensamentos, ao mesmo tempo em que podem auxiliar no sentido de reforçar consensos. Espaços de partilha e de tensão inseridos no contexto da comunicação.

A seguir, temos um exemplo (Figura 6) que encontramos na edição do *Estado* de 12 de setembro de 2016. A partir da mensagem construída na relação entre texto e imagem, pode-se discutir a possibilidade de invisibilização da atleta através de uma narrativa que a fragiliza e destaca a sua condição em relação à deficiência.

A matéria e a fotografia se referem a belga Marieke Vervoort dos 400 metros para atletas com deficiência motora. Não há crédito na imagem da belga, mas o texto é assinado por Marcio Dolzan. A questão da eutanásia a que a atleta pretendia se submeter despertou o interesse dos veículos de comunicação durante os Jogos. O caso de Marieke Vervoort foi tema em diferentes veículos de informação durante os Jogos do Rio, sempre em narrativas pensadas a partir dessa questão entre dor, vida e morte.

O próprio destaque dado pelo *O Estado de S. Paulo* à matéria sobre a belga, ocupando mais de 50% do espaço da página, chama a atenção, já que foi o maior espaço dedicado pelo jornal para contar a história de uma atleta feminina. O que nos

---

<sup>39</sup> PERROT. Os silêncios do corpo da mulher, p. 25.

leva aqui a um paradoxo é que a matéria dá visibilidade ao caso de Mariele ao mesmo que em que invisibiliza a sua identidade enquanto atleta. O título fala em eutanásia e a legenda que acompanha a imagem diz: “Último ato no Rio: Depois dos Jogos Paralímpicos no Brasil, Marieke Vervoort terá a vida e a morte nas mãos”. A fragilidade se destaca sobre o êxito mais uma vez. Quanto à fotografia, o plano de tomada enfatiza mais a cadeira de rodas do que a medalha. Ainda assim, a imagem da atleta é positiva nos seus gestos e expressões. Os elementos no enquadramento remetem ao ambiente do evento Rio 2016. É uma fotografia posada, com expressões e gestos encenados.

## Após o Rio, belga viverá dilema da eutanásia

Marieke Vervoort, prata nos 400 metros para atletas com deficiência motora, tem duas doenças degenerativas

Marcelo Dolzan | R30

A medalha de prata da belga Marieke Vervoort nos 400 metros para atletas com deficiência motora, conquistada recentemente, foi seu penúltimo ato como atleta. No sábado, Marieke ainda tentará o bicampeonato paralímpico na prova dos 100 metros e depois irá se aposentar do esporte. Ela quer aproveitar a vida. Com duas doenças degenerativas, Marieke possui autorização para praticar a eutanásia. “Vou aproveitar cada minuto da minha vida, dedicar mais tempo à minha família e aos amigos”, diz a atleta.

Marieke foi diagnosticada aos 14 anos com duas doenças degenerativas, tetraplegia progressiva e distrofia muscular miotônica. Desde então, passou a perder capacidade de movimentos e de visão. As doenças não têm cura, causam muita dor e pioram a cada ano. Em 2008, ela conseguiu autorização para praticar eutanásia.

Agora, aos 37 anos, decidiu parar de competir no Rio. “É momento de me aposentar, não porque eu não goste mais de competir, mas porque os treinos são muito lentos e é difícil para o meu corpo”, afirma, durante entrevista coletiva concedida neste domingo. Ela avisou, contudo, que não pretende praticar eutanásia logo após os Jogos Paralímpicos



Último ato no Rio. Depois dos Jogos Paralímpicos no Brasil, Marieke Vervoort terá a vida e a morte nas mãos

**PLANDOS**

**Marieke Vervoort**  
PARA-ATLETA DA BELGICA  
**‘Meu melhor medicamento é um abraço forte. Vou aproveitar cada momento da minha vida, dedicar mais tempo à minha família e amigos’**

**AS DOENÇAS**

**■ Tetraplegia progressiva**  
Ocorre quando uma paralisia afeta as quatro extremidades, superiores e inferiores, juntamente à musculatura do tronco. A impossibilidade de mover os membros associam-se a distúrbios da mecânica respiratória. São sintomas de doenças neurológicas que compreendem lesões do cérebro ou da medula espinhal.

**■ Distrofia muscular (DM) miotônica**  
As DM são um conjunto de distúrbios caracterizados por fraqueza e atrofia musculares.

me ajudar. Agora, tenho a autorização da eutanásia e tenho a vida nas minhas próprias mãos.”

**Sofrimento.** A doença provoca muitos dores, e Marieke contou que nunca sabe como estará ao longo do dia. Às vezes, ela tem

Figura 6 - Jornal O Estado de S. Paulo, p. D6, Edição de 12 set. 2016.

A história de Marieke é contada pelo *Estadão* através de um viés sensacionalista, carregado de tom dramático, onde dor, sofrimento, choro e eutanásia são mencionados como parte da vida da paratleta. Trata-se de uma narrativa contada pelo viés da vitimização e fragilização, com destaque para as doenças que acometem a paratleta. Exemplo também da busca por mobilizar a emoção do público leitor do jornal, um apelo aos afetos.

Enquanto a matéria sobre a atleta belga Marieke Vervoort recebeu destaque no enunciado da página do jornal, os quatro exemplos a seguir (Figuras 7 a 10), destacados com um retângulo vermelho, dão uma amostra de outros exemplos que encontramos e que dão uma ideia do espaço dedicado às mulheres na cobertura dos Jogos Paralímpicos. Para que se possa identificar as fotografias onde há personagens mulheres é preciso um olhar criterioso sobre a página. As paratletas são tratadas de forma secundária, mesmo se tratando de medalhistas. Além disso, os textos se referem de forma bastante resumida aos feitos dessas atletas. Estes quatro exemplos reafirmam nossa hipótese de que há uma sub-representação das mulheres atletas com deficiência mesmo em período de jogos paralímpicos.



Fig. 7 - Capa do jornal *O Estado de S. Paulo*, Edição de 11 set. 2016.



Fig. 8 - Jornal *O Estado de S. Paulo*, p. A17, Edição de 13 set. 2016.

Na Figura 7, a capa do jornal apresenta, entre diversos elementos visuais e verbais, uma chamada discreta sobre os jogos paralímpicos e uma foto da atleta Shirlene Coelho. O texto junto à foto cita a medalha de ouro de Shirlene no dardo, mas há muita informação concorrendo com a imagem da atleta, o que faz com que ela fique dispersa no espaço da diagramação. Já na Figura 8, temos duas atletas femininas e dois masculinos que atuam na equipe chinesa de natação, mas seus desempenhos estão

sob suspeita. Em termos de equidade, no fotograma onde estão retratadas as duas atletas femininas com os atletas masculinos, há um estado de igualdade com todos no mesmo plano e ocupando o espaço de forma equilibrada. Em contraposição, há outras duas imagens que focam na ação e no movimento de atletas masculinos, um chinês e um ucraniano. Os atletas masculinos ocupam papel de destaque no enunciado em relação às duas atletas femininas. Observando a totalidade da página, as mulheres são minoria e aparecem com pouco destaque em relação aos homens atletas.

Na Figura 9, a frase “Equipe da bocha celebra ouro com festa brasileira” acompanha a fotografia da equipe de homens e mulheres da bocha. Das três imagens dos jogos, somente em uma delas aparecem mulheres atletas. A imagem, pela resolução e tamanho, exige uma observação atenta para se verificar que há mulheres na imagem, as quais acabam por se diluir entre os outros personagens e as outras duas fotografias que destacam atletas masculinos. Também pode-se verificar que uma das atletas quase foi deixada de fora do enquadramento.



Figura 9 - Jornal O Estado de S. Paulo, p. A18, Edição de 13 set. 2016.



Figura 10 - Jornal O Estado de S. Paulo – Página, A20, Edição de 16 set.2016.

Já na Figura 10, temos dificuldade em notar que há uma fotografia de uma atleta feminina na página do dia 16 de setembro. Apenas na porção inferior da página, à direita, aparece a atleta Marivana Oliveira, que comemora o bronze no arremesso de peso. O cenário (mesmo desfocado), a bandeira, o uniforme, a expressão corporal com os braços abertos, o plano de tomada da imagem, tudo compõe o sentido de comemoração. Mas a fotografia de Marivana é usada de forma ilustrativa, reservadas apenas a um canto da página.

Em outros dois casos presentes no recorte do nosso *corpus*, encontramos uma pequena amostra de uma outra abordagem discursiva. Foram quatro páginas, em duas edições diferentes, que destacaram a interação do público com as atletas paralímpicas.



Figura 11 - Jornal *O Estado de S. Paulo*, p. A22, Edição de 16 set. 2016.

No primeiro caso (Figura 11), na página do *Estadão* de 16 de setembro de 2016, a arqueira iraniana Zahra Nemati aparece em uma fotografia que destaca a competição esportiva. O gesto, a expressão e o arco, como extensão do corpo da atleta, informam sobre o esporte. Já a edição de dia 18 de setembro, em sua página interna, traz o título “Paralimpíada vira hit entre as crianças” (Figura 12). No segundo caso as atletas campeãs da bocha Evani Calado e Evelyn Oliveira aparecem cercadas por torcedores brasileiros.



Figura 12 - Destaque de capa do Jornal *O Estado de S. Paulo*, Edição de 18 set. 2026.

Estes dois exemplos descrevem situações de interação do público infantil com as atletas. Sobre Zahra, destaca-se o êxito da iraniana no esporte e a curiosidade de uma criança em conhecer a atleta. Na edição de 18 de setembro, imagens de interação das atletas com o público reforçam a ideia de que os Jogos ajudam no processo de inclusão e naturalização do corpo com deficiência entre o público infantil. As duas edições do *Estadão* demonstram um esforço em trocar um certo viés de vitimização para o de popularização do esporte adaptado através das imagens de mulheres paratletas. Iniciativa contrária ao que vinha sendo feito durante todo o evento, algo também se deve ao debate que se instituiu no país sobre como se projeta a imagem da mulher paratleta nos meios de comunicação.

O que mais se encontra em relação à cobertura do *Estado de S. Paulo* são formas discursivas que ainda revelam formas de opressão e discriminação da mulher atleta com deficiência. Processos que se manifestam através dos discursos na forma como determinam lugares onde as mulheres podem atuar e espaços que elas podem ocupar. Materializam-se como exercício de poder em expressões limitantes sobre o corpo feminino, na forma como tecem opiniões e destacam aspectos que o

vitimizam e o fragilizam em detrimento de outras opções discursivas que poderiam tratar da performance no esporte.

Michelle Perrot<sup>40</sup> debate sobre o processo histórico de exclusão feminina e a luta da mulher por direitos básicos, como o direito à educação e informação. Perrot também descreve a luta por instrumentos que auxiliem na emancipação feminina e questiona em que medida já se rompeu o silêncio que sempre pairou sobre a mulher. Certa moral sempre se impôs sobre a mulher no sentido de mantê-la sob controle. Ideias como fragilidade, emotividade, doçura e, principalmente, a cuidado da prole e da família. Aqui pudemos identificar pistas de como esse processo ecoa na história das mulheres no esporte.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível constatar que a questão da pessoa com deficiência ainda se pauta por estereótipos e preconceitos quando se analisam os discursos presentes no campo da comunicação. Conseqüentemente, o esporte adaptado ainda sofre um processo de invisibilização e desconhecimento. O esporte paralímpico é um campo onde ainda se trava uma luta por visibilidade e inclusão das pessoas com algum tipo de deficiência. Para além dessa questão de espaço inclusivo, o esporte adaptado pode ser esclarecedor em relação à ideia de limitação dos corpos e de maior percepção da diversidade.

A análise interseccional de um jornal brasileiro de grande circulação confirma-nos que o espaço da mulher na vida social ainda é influenciado por diversos marcadores sociais (origem social e étnica, gênero, deficiência), resultando em diversas formas de exclusão. Há, por exemplo, uma realidade sexista que segrega mulheres por sua condição de mulher e que ainda as exclui de espaços de participação social onde elas poderiam se desenvolver em todas as suas potencialidades.

É possível verificar essas questões na forma de apresentação das notícias e na construção de discursos que fragilizam as mulheres atletas com deficiência. Verificando o nosso *corpus*, percebe-se uma contradição ente as mensagens visuais e as mensagens verbais. Enquanto as imagens conotam ação, alegria, comemoração

---

<sup>40</sup> PERROT. Os silêncios do corpo da mulher.

ou ação, os textos falam em dificuldades por condições físicas, sociais e familiares. As fotografias sofrem um processo de conotação na maneira como os textos se impõem sobre elas. Enquanto as imagens remetem à ação, comemoração e performance do corpo, os textos reafirmam estereótipos e sentidos que enfatizam a ideia de limitação do corpo feminino com deficiência.

Nesse sentido, seria importante que os meios de comunicação que realizam a cobertura do paradesporto revisassem constantemente os sentidos que circulam sobre os corpos com deficiência e o esporte adaptado, considerando sempre que a imprensa foca suas narrativas na vitimização e fragilização das atletas, mas deixa de informar sobre o sentido do esporte em si, sobre as formas de competição, sobre as modalidades e suas categorias. Perpetua-se assim o desconhecimento sobre os valores do esporte que envolve mulheres com deficiência.

Este estudo, pelas limitações de espaço e pela opção de analisar apenas a cobertura de *O Estado de S. Paulo* por ocasião dos Jogos Paralímpicos disputados no Brasil em 2016, propôs assim um estudo sincrônico, uma vez que nosso interesse inicial estava localizado na observação da presença da mulher paratleta nas páginas de um jornal brasileiro tradicional e secular. Outros estudos diacrônicos, que levem também em perspectiva de análise as coberturas do próprio *Estadão* e de outros jornais brasileiros nos Jogos Paralímpicos seguintes (Tóquio-2020 e Paris-2024), poderão assim oferecer um quadro ampliado da evolução – ou involução – da cobertura da imprensa brasileira diante deste tripé que reúne esporte de alto rendimento, mulher e pessoa com deficiência. Pretendemos assim colaborar, modestamente, para a superação de alguns juízos que, historicamente, vêm perpetuando os mesmos estigmas em torno não só da mulher atleta, como também da mulher atleta com deficiência.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

- BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Angela, JANOTTI JUNIOR, Jeder, JACKS, Nilda (Org.). **Mediação & mediação**. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 29-52.
- BILGE, Sirma; COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020.
- CAILLOIS, Roger. **Os Jogos e os Homens**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1990.
- COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. Jogos Paralímpicos Rio 2016 quebram recordes de audiência. Disponível em <https://abrir.link/mclrl>. Acesso em: 25 fev. 2024.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2015.
- CHARAUDEAU, Patrick. O discurso político. In: EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, Willian. (Org.). **Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso/UFMG, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. **Revista de Linguística**, 7(1), 571-91, 2017.
- COLSON, J. B. Images that heal. In: LESTER, Paul M. (.). **Images that injure**. Pictorial Stereotypes in the Media. Westport: Praeger, 1995, p. 215-36.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Trad. Francisco Morás. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.
- CRENSHAW, Kimberlé W. **On Intersectionality: Essential Writings**. Faculty Books, 2017. Disponível em: <https://abrir.link/Kppts>. Acesso em: 1 mar. 2024.
- ESPARZA, Hortensia Manuela Moreno. **Orden discursivo y tecnologías de género en el boxeo**. México DC: Instituto Nacional de las Mujeres, 2011.
- GUTIERREZ, Gustavo Luis; ALMEIDA, Antonio Bettine de; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; MENEZES, Rafael Pombo. Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo: USP, 2013, p. 583-96.
- HILGEMBERG, Tatiane. Representação midiática do atleta com deficiência na mídia brasileira e portuguesa: do coitadinho a super-herói. In: **Anais XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Manaus (AM): 2013. Disponível em: <https://abrir.link/dvfCL>. Acesso em: 20 abr. 2025.
- HILGEMBERG, Tatiane. Jogos Paralímpicos: história, mídia e estudos críticos da deficiência. **Revista Recorde**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, 2019, p. 1-19.
- IVC muda cálculo para assinaturas; Folha é líder em circulação. **Folha de S. Paulo**. 24 ago. 2023. Disponível em: <https://abrir.link/RKUPB>. Acesso em: 11 fev. 2024.

JANOTTI JR., Jeder; JACKS, Nilda. **Livro Compós**. Salvador: EDUFBA/Compós, 2012.

KOGAWA, João. Qual via para a análise do discurso? Uma entrevista com Jean-Jacques Courtine. **Alfa**, São Paulo, v. 59, n. 2, 2015, p. 407-17.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELLO, Anahi Guedes. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 10, 2016, p. 3265-76.

MILANEZ, Nilton. Intericonicidade: da repetição de imagens à repetição dos discursos de imagens. **Acta Scientiarum – Language and Culture**, Maringá/PR, v. 37, n. 2, 2015, p. 197-206.

NOVAIS, Rui Alexandre; FIGUEIREDO, T. H. A visão bipolar do pódio: olímpicos versus paraolímpicos na mídia on-line do Brasil e de Portugal. **Revista Logos – Comunicação e Esporte**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, 2010.

PAILLETTE, Sylvain et al. “La médiatisation des Jeux Paralympiques à la télévision française”. **Les Cahiers du Journalisme**, n. 11, 2002.

PAPPOUS, A. et al. La representación mediática del deporte adaptado a la discapacidad en los medios de comunicación. In: **Ágora para la Educación Física y el Deporte**, Valladolid, n. 9, 2009.

PEREIRA, Ana Luísa et al. A visibilidade da deficiência: uma revisão sobre as representações sociais das pessoas com deficiência e atletas paralímpicos nos media impressos. In: **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. XXII. Porto: 2011.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda Santos, SOIHET, Rachel. (Org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, UFRG, v. 2, n. 20, p. 71-99.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto, 2002. Disponível em: <https://abrir.link/nKali>. Acesso em: 29 jun. 2019.

\* \* \*

Recebido em: 27 ago. 2025.  
Aprovado em: 14 set. 2025.